

Elaboração de Materiais Didáticos Impressos para Educação a Distância

Profa. Dra. Ivanda Maria Martins Silva¹ (UFRPE)

Resumo:

Pretende-se ampliar o debate sobre a elaboração de materiais didáticos impressos para Educação a Distância (EaD), compreendendo-se a EaD como modalidade educacional em que alunos e professores estão fisicamente separados, mas unidos virtualmente por meio de recursos tecnológicos e pedagógicos. Para revisitar os pressupostos da EaD, serão priorizados os trabalhos de Moran (2002), Moore e Kearsley (2007), além dos enfoques de Sousa (2001), sobre gênero mediacional e Fernandez (2009)/ Scherer (2009) com estudos voltados para materiais didáticos impressos. Na EaD, a distância física entre professores e alunos pode ser minimizada, considerando-se a linguagem dialógica (BAKHTIN, 1999) na produção de materiais didáticos impressos.

Palavras-chave: materiais didáticos impressos, Educação a Distância, linguagem dialógica.

Abstract:

This paper intends to enlarge the discussion about the development of printed educative texts for distance education, considering this one as a mode where students and teachers are separated physically but they are united virtually by technological resources and teaching methods. To revisit the assumptions of distance education, will be prioritized the studies of Moran (2002), Moore and Kearsley (2007), in addition to the approaches of Sousa (2001), about mediational gender and Fernandez (2009) / Scherer (2009) focused on studies printed educative texts. In distance education, the physical distance between teachers and students can be minimized, considering the dialogic language (BAKHTIN, 1999) in the production of printed educative texts.

Keywords: printed educational materials, distance education, dialogic language.

Introdução

A Educação a Distância (EaD) envolve o processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente, mas permanecem conectados por uma série de recursos tecnológicos (MORAN, 2002). Segundo Moore e Kearsley (2007), a EaD revela-se como aprendizado planejado que ocorre, normalmente, em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação e gerenciamento de cursos, novas ferramentas de comunicação, além de diferentes processos de interação.

No Brasil, a EaD vem se revelando como modalidade educacional em constante expansão. De acordo com o Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (ABRAEAD, 2009), o Brasil teve, em 2006, 2.279 milhões de alunos matriculados em programas de EaD. Os dados do Censo da EaD (2010) também confirmam a expansão dessa modalidade educacional no Brasil. Em 2008, 760.599 alunos estavam matriculados em cursos de graduação a distância no país e 145 Instituições de Ensino Superior desenvolviam ações nos âmbitos de graduação e pós-graduação *lato sensu*.

A rápida expansão da EaD traz à tona reflexões sobre tecnologias e materiais pedagógicos utilizados no processo de mediação entre alunos e professores. Conforme Litto (2010, p.45), “84.7% das instituições brasileiras que oferecem aprendizagem a distância utilizam a mídia impressa”. Apesar das inovações tecnológicas, tais como: aprendizagem em rede, utilização das mídias sociais, convergência digital, criação de ambientes virtuais de aprendizagem interativos, uso de jogos digitais aplicados à educação, além de vários outros exemplos, pode-se dizer que a mídia impressa ainda tem seu lugar garantido nos programas de EaD.

Os materiais didáticos impressos assumem especial destaque na interação entre professores/autores (conteudistas) e alunos/leitores, minimizando as distâncias físicas entre os atores do processo educativo. A produção de materiais didáticos para EaD vem requerer novas competências comunicativas dos professores/autores, na maior parte das vezes, acostumados ao estilo acadêmico da linguagem empregada nas publicações científicas. Os professores precisam planejar materiais criativos, priorizando uma linguagem dialógica, a fim de estabelecer uma interação efetiva com os educandos no processo de ensino-aprendizagem.

A evolução histórica das gerações da EaD confirma as transformações tecnológicas, desde a ênfase nos materiais instrucionais impressos, até a produção de objetos de aprendizagem audiovisuais, interativos, hipertextuais disponíveis nos ambientes virtuais. A primeira geração da EaD priorizou o estudo por correspondência. Os alunos estudavam sozinhos em suas residências e recebiam materiais instrucionais pelos correios. Conforme Gomes (2008, p.198), esta geração

priorizou o material didático impresso, ou seja, a tecnologia predominante no processo de ensino-aprendizagem limitava-se a textos escritos/instrucionais enviados aos alunos. Segundo Pereira e Moraes (2009, p.72), nessa primeira geração da EaD, “a produção e distribuição centralizada dos materiais de aprendizagem na forma impressa se recomendava pela economia de escala”.

Considerando o papel da mídia impressa no contexto da EaD, pretende-se ampliar o debate sobre a produção de conteúdos pedagógicos utilizados para apoiar a aprendizagem na modalidade a distância, tendo em vista as principais características dos materiais didáticos impressos utilizados na mediação entre professores/autores e alunos/leitores.

1. Materiais Didáticos na Educação a Distância

No contexto dinâmico das tecnologias da informação e comunicação (TIC), os materiais didáticos usados na Educação a Distância têm papel fundamental na motivação dos alunos para a aprendizagem colaborativa, visando ao desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Publicados em meio impresso ou em formato digital, os materiais didáticos acompanham as características dos suportes em que são veiculados.

Nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), o material didático explora o dinamismo da *web* e os professores/autores reconhecem que o ciberespaço pode promover múltiplas potencialidades de construção de conteúdos pedagógicos. Integração de mídias, entrecruzamento de linguagem, hipertextualidade, navegabilidade, multimodalidade, interatividade e interconectividade precisam ser considerados no processo de elaboração de materiais didáticos para os AVA.

Segundo Pontes, Lopes e Coutinho (2009, p. 120):

tanto os meios (TV, rádio, jornal, internet) quanto os materiais educativos (materiais em áudio, audiovisual, escritos) utilizados em Educação a Distância são mais que simples meios materiais/tecnológicos: constituem, antes de tudo, veículos de linguagens e, como tal, devem ser considerados por suas possibilidades de comunicação educativa. Essa diferenciação é importante para entender como os meios são utilizados por instituições de ensino e professores, caracterizando distintas concepções e perspectivas – ou paradigmas – traduzidas em valores e objetivos educacionais.

Além de materiais que exploram a linguagem audiovisual, construídos para os ambientes virtuais de aprendizagem, não se pode esquecer que o livro impresso ainda tem grande destaque em nossa cultura. Conforme Chartier (1999, p.152):

A indestrutibilidade do texto, supondo que seja atingida, não significa que devam ser destruídos os suportes particulares, historicamente sucessivos,

através dos quais os textos chegaram até nós, porque a relação da leitura com um texto depende, é claro, do texto lido, mas depende também do leitor [...].

Sobre esse aspecto, Belo (2002) também comenta sobre a importância do impresso em nossa cultura. Segundo o autor, "na era da escrita e da leitura digitais, [...] o impresso, o manuscrito e, em consequência, o papel fazem parte fundamental de nossos hábitos de trabalho". (BELO, 2002, p. 33). Em meio impresso, os materiais didáticos são organizados em livros, fascículos, apostilas, guias, roteiros de estudos, cadernos de aprendizagem, roteiros para *webaulas*, manuais, livros de bolso, enfim, o texto impresso poderá assumir diversas formas e formatos, visando apoiar a aprendizagem dos alunos-leitores.

É por meio dos materiais didáticos que as orientações de estudo são disponibilizadas aos alunos, bem como as informações sobre pesquisa, atividades propostas, dicas de estudo, planejamento de projetos, confecção de relatórios, ferramentas de interação *online*, enfim, uma multiplicidade de componentes pode estar integrada à produção de conteúdos pedagógicos com a finalidade de apoiar os educandos rumo à construção da autonomia.

Mesmo com todas as reflexões sobre inclusão digital, inovações tecnológicas e expansão da Educação a Distância, muitos alunos ainda estão excluídos do mundo digital. No Brasil, a EaD surge como estratégia para democratizar a educação superior, por meio, por exemplo, do Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), criado pelo MEC desde 2006. O Programa UAB foi instituído pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006, para ampliação da modalidade de Educação a Distância, visando expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no Brasil.

Na EaD, as relações entre docentes e discentes são efetivadas por meio de interações síncronas e/ou assíncronas, mediadas pelos recursos tecnológicos disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), tais como: fóruns, *e-mails*, listas de discussões, *chats*, *wikis*, *blogs*, etc. No entanto, nem sempre acessar os AVA revela-se como tarefa fácil para alunos que dependem de *lan houses*, pois não dispõem de computadores com conexão à Internet em suas residências.

Em um país continental como o Brasil, a EaD consegue chegar a locais cada vez mais distantes, mas nem sempre o acesso à Internet, em determinados municípios brasileiros, é rápido, simples e fácil. Muitos municípios ainda contam com a "velha" Internet discada e os alunos vivem os desafios de realizar todas as atividades propostas nos ambientes virtuais de aprendizagem. Desse modo, baixar materiais disponíveis nos AVA, enviar tarefas, ler textos na tela, participar dos *chats* e fóruns de discussão tornam-se atividades desafiadoras para os alunos sem acesso adequado à Internet.

Certamente, não se pode discutir EaD, no Brasil, sem se levar em conta a inclusão digital dos alunos que precisam participar ativamente da cibercultura, ou seja, um mundo marcado pela interatividade em que três princípios básicos orientam o crescimento do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. (LÉVY, 1999).

A inclusão digital implica, necessariamente, o domínio crítico das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e a apropriação de recursos disponíveis no cenário dinâmico da cibercultura. Desse modo, a escrita de *blogs*, a produção de vídeos para publicação no *youtube*, o acesso às redes sociais, a utilização do computador para tarefas profissionais e escolares, a participação no *e-commerce*, o acesso às bibliotecas virtuais, a interação nos jogos digitais e várias outras ações tornam-se cada vez mais frequentes para professores e alunos que agora trocam experiências por meio de recursos, como: lousas digitais, ambientes virtuais de aprendizagem, webconferências, videoconferências, além de vários outros.

Apesar da diversidade de recursos, não basta apenas o indivíduo ter acesso ao aparato tecnológico para se garantir o processo de inclusão digital. Além do simples acesso à tecnologia, é essencial educar os sujeitos para as práticas sociais na cibercultura, investindo-se em uma educação para o mundo digital. Nesse sentido, compreende-se a inclusão digital como “aprendizagem necessária ao indivíduo para circular e interagir no mundo das mídias digitais, como consumidor e produtor de seus conteúdos e processos” (RONDELLI, 2003).

No Brasil, tendo em vista o processo de exclusão digital de grande parte da população, além do baixo nível de letramento digital de alunos que participam de cursos a distância, os materiais didáticos impressos tornam-se ferramentas essenciais para os estudantes, percebendo-se que os livros ainda têm espaço garantido, mesmo com todos os avanços tecnológicos. Como afirma Fernandez (2007, p. 395),

Ainda hoje, apesar de todo desenvolvimento tecnológico pelo qual a EAD passou, o material impresso é um componente significativo da maioria dos programas nessa modalidade, seja na forma de *e-learning*. Isso mostra que, em EAD, não se observa a exclusão de um componente e sua simples substituição por outro.

Nota-se que uma tecnologia não substitui outra, mas aprimora e transforma as potencialidades tecnológicas anteriores. Nesse sentido, além dos materiais didáticos impressos, os livros virtuais (*e-books*), por exemplo, também assumem papel de destaque nos processos de ensino-aprendizagem a distância. No mercado, já existem dispositivos eletrônicos, como o Kindle DX, espécie de leitor eletrônico/digital (*e-reader*), com capacidade para armazenar até 3.500 livros em PDF, MP3 e TXT, facilitando o acesso à leitura em novos suportes de comunicação.

Aos poucos os materiais didáticos impressos vão convivendo com outras mídias e diferentes suportes de comunicação. Como afirmam os Referencias para Elaboração de Material Didático (MEC, 2002, p. 06), na EaD, “os materiais didáticos impressos são um dos principais meios de socialização do conhecimento e de orientação do processo de aprendizagem, articulados com outras mídias: vídeo, videoconferência, telefone, fax e ambiente virtual”.

A produção de materiais didáticos impressos envolve algumas características importantes, visando à adoção de um estilo dialógico de linguagem que promova a interatividade com os alunos. Assim, hipertextualidade, intertextualidade, multimodalidade, dialogismo e várias outras noções tornam-se fundamentais quando visualizamos a escrita de materiais construídos para facilitar as mediações pedagógicas entre docentes e discentes.

A noção de hipertextualidade redireciona as estratégias de leitura e produção de textos, requerendo novas habilidades diante do dinamismo do ciberespaço. Segundo alguns autores, tais como: Marcuschi e Xavier (2004), o hipertexto designa uma escritura não-sequencial e não-linear que estabelece uma rede de conexões possíveis, permitindo ao leitor o acesso praticamente ilimitado a outros textos, a partir de escolhas locais e sucessivas. Como afirma Marcuschi (2004) trata-se de um processo de leitura/escrita multilinearizado, multissequencial, realizado em um novo espaço — o ciberespaço.

De acordo com Xavier (2004, p.171), o hipertexto pode ser entendido como uma “ forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. O fato de o hipertexto dialogar com outras interfaces semióticas, como postulou Xavier (2004), torna-se um aspecto motivador para os internautas, quando da leitura e produção de gêneros diversos.

No mundo digital, a escrita vem se tornando ainda mais dinâmica, cooperativa e interativa, devido à rapidez no acesso às informações disponibilizadas na *web*. Dessa forma, a escrita dos materiais didáticos para EaD precisa acompanhar o dinamismo da abordagem hipertextual e a ênfase no estilo dialógico da linguagem, facilitando a interação com os alunos/leitores. Desse modo, é importante considerar a diversidade de características dos materiais dos materiais didáticos impressos para EaD, como se pode notar na seção a seguir.

2. Características dos Materiais Didáticos Impressos

Amplamente utilizado no ensino por correspondência, o texto impresso configurou-se como uma tecnologia de fácil acesso que mantém amplo grau de familiaridade com os educandos. Segundo os Referencias para Elaboração de Material Didático para EaD (MEC, 2002, p. 06):

Do ponto de vista do aluno, estudar utilizando material impresso é vantajoso por lhe ser familiar, ser de fácil utilização e de fácil transporte, por permitir que se façam anotações, e ainda porque pode ser lido em diversos lugares, a qualquer tempo, respeitando o ritmo da sua aprendizagem.

A produção de materiais didáticos impressos envolve algumas etapas importantes, tais como: adequação do material às demandas dos alunos-leitores, ênfase no estilo dialógico da linguagem, uso de estratégias persuasivas para manter a interação com o leitor, organização de atividades diversificadas, além de vários outros pontos que serão apresentados a seguir.

3.1. Adequação do Material Didático aos Alunos/Leitores

Antes mesmo de dar início à elaboração de materiais didáticos, os professores/autores precisam considerar o nível sociocultural do público-alvo, ou seja, é fundamental pensar nos educandos que irão participar dos sistemas da EaD. Sob esse aspecto, é importante compreender que, na modalidade a distância, os discentes, em geral, são mais maduros e adultos, com diversas experiências profissionais e acadêmicas. Como afirma Franco (2007, p. 22), ao se produzir o material didático, deve-se refletir primeiramente sobre as características do aprendiz a quem o material se destina, promovendo-se um diálogo com o aluno/leitor, a fim de conduzi-lo a aprendizagens significativas.

Na EaD, o público-alvo é geralmente formado por adultos que, na maior parte das vezes, trabalham durante o dia e dedicam-se às atividades dos cursos a distância no período noturno. Segundo o Censo da EaD (2010, p. 08): "a idade do aluno é mais avançada do que na educação presencial, pois 54% das instituições informam que a idade predominante é a de mais de 30 anos. [...] A faixa etária mais presente é a que vai de 30 a 34 anos". Também é importante destacar que, na EaD, os alunos já revelam experiências com ensino presencial e/ou com outros cursos na modalidade a distância, fator que permite comparações entre as duas modalidades educacionais.

Como a EaD atinge uma abrangência imensa, a heterogeneidade do público-alvo deve ser considerada, tendo em vista a diversidade de estilos de aprendizagens dos discentes, bem como aspectos relativos à acessibilidade e à inclusão. Considerando tais aspectos, o professor /autor de materiais didáticos deve realizar alguns questionamentos antes da elaboração textual, visando ao estudo diagnóstico dos alunos. Assim, é importante considerar:

- a) *O material didático será produzido para que tipo de curso (nível técnico, pós-médio, graduação, aperfeiçoamento, pós-graduação, etc.)?* - O material didático precisa estar em sintonia com as características e as demandas do curso proposto.

- b) *O que se pretende escrever?* - A seleção dos assuntos propostos precisa ser coerente com a estrutura do curso e as expectativas do público-alvo. Segundo Palange (2010, p. 382), é preciso se considerar o “recorte de conteúdo”, o qual deve contemplar as informações indispensáveis para realização de atividades e que permitam o aprofundamento de aspectos teórico-práticos relativos ao curso.
- c) *Para quem escrever? Quais as expectativas do público-alvo? Qual o perfil sociocultural dos alunos? Quais as principais dificuldades que os alunos irão apresentar? Quais os conhecimentos prévios dos alunos? Qual a faixa etária dos alunos? Há alunos com necessidades especiais?* - Identificar as características do público-alvo é fundamental para que os materiais didáticos consigam sucesso e sejam compreensíveis para os educandos. Portanto, realizar um estudo diagnóstico do público-alvo é muito importante para ajustar o material aos diferentes estilos de aprendizagem.

No caso da elaboração de materiais didáticos impressos, os professores/autores precisam desenvolver conteúdos pedagógicos que minimizem as distâncias físicas e consigam persuadir os alunos/leitores. Alguns problemas enfrentados pelos autores de materiais didáticos impressos para EaD são apontados por Amidani (2004, p. 07), tais como:

- a) Os professores não levam muito em conta o perfil dos alunos de EaD que, geralmente, são adultos mais maduros, exercem profissões já algum tempo.
- b) Também, muitas vezes, os autores de materiais didáticos para EaD enfocam aquilo que os alunos já conhecem, desconsiderando um aspecto pedagógico importante na aprendizagem, ou seja, aquilo que os estudantes não conhecem ao iniciarem um curso, principalmente na modalidade a distância.
- c) Os autores de materiais didáticos também não consideram, na maior parte das vezes, que os alunos apresentam dificuldades de compreensão e interpretação de textos.
- d) Também partem da suposição que os alunos já conhecem vocabulários técnicos, não prevendo a falta de compreensão de muitos termos específicos. Há um receio de que a linguagem mais clara, mas simples, recaia na banalização do conteúdo ou na simplificação de teores complexos específicos de determinadas disciplinas.
- e) Muitos autores escrevem os materiais didáticos como se fossem artigos científicos. Os autores confundem o público do curso e acabam escrevendo para especialistas do conhecimento, utilizando uma linguagem de difícil acesso para os alunos.

Como se pode observar, a escrita de materiais didáticos impressos para EaD envolve uma série de questões que precisam ser avaliadas, a fim de que os textos consigam, de fato, apoiar aprendizagem dos alunos. Na EaD, a escrita deve se aproximar das interações dialogadas em sala

de aula, como se o professor/autor, fisicamente distante do aluno/leitor, pudesse estar virtualmente presente, por meio da construção de um diálogo efetivo com seus interlocutores.

Segundo Zuin (2006), na EaD, é primordial que os "professores ausentes se tornem presentes". Nesse processo, "a presentificação do professor se faz, paradoxalmente, por meio de sua "virtualização", ou seja, os professores podem se tornar presentes por meio da linguagem, da afetividade na construção do discurso, das representações virtuais nos ambientes de aprendizagem. Na EaD, é essencial o papel do professor como mediador, incentivador, motivador, no sentido de produzir um número cada vez maior de representações (presentificações) que estimulem os alunos à reflexão. Nesse processo de "presentificação", o professor pode se revelar presente por meio da escrita dialogada na produção de materiais didáticos, priorizando um estilo conversacional e dialógico.

Segundo Franco (2007, p. 25),

a produção textual para EaD é essencialmente didática e dialógica. Pressupõe um forte diálogo com o leitor(aluno). [...] Geralmente, os livros-texto e manuais são produzidos em uma perspectiva unidirecional. Isso significa que não estão preocupados em estabelecer o diálogo com o leitor. Diferentemente desse modelo, os textos em EaD devem priorizar uma relação mais próxima e dialógica com o aluno, deve haver interação entre o texto produzido e o leitor.

Tendo em vista a natureza dialógica e a finalidade didática dos materiais didáticos, alguns autores, como Sousa (2001), propõem a nomenclatura "gênero discursivo mediacional", isto é, uma configuração discursiva destinada à produção de material para EaD. Na perspectiva de Sousa (2001), o gênero mediacional "apresenta uma linguagem envolvente, com traços da interação face a face de sala de aula, onde o professor expõe, parafraseia, explica, reitera um tema (conteúdo) com o objetivo de proporcionar o aprendizado aos seus alunos". Considerando essa "linguagem envolvente", é fundamental considerar a natureza dialógica da linguagem no processo de escrita de materiais didáticos, como se pode notar na seção a seguir.

3.2. O Dialogismo na Elaboração de Material Didático Impresso

A noção de dialogismo (BAKHTIN, 1993) pode trazer repercussões significativas para a elaboração textual de materiais didáticos impressos para EaD. Segundo Bakhtin (1993), nossa linguagem é eminentemente dialógica, tendo em vista que o dialogismo seria um princípio constitutivo da linguagem. Explica Bakhtin (1993, p. 88) que:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o

discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.

Barros e Fiorin (1994, pp. 03-04) salientam o caráter polissêmico do termo dialogismo e analisam duas acepções. Segundo os autores, a natureza dialógica da linguagem pode ser estudada no processo de interação verbal entre enunciador e enunciatário. Dessa forma, "[...] concebe-se o dialogismo como o espaço interacional entre o *eu* e o *tu*, ou entre o *eu* e o *outro*, no texto". Por outro lado, o dialogismo também pode ser entendido como "diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define". (BARROS e FIORIN, 1994, p. 03-04). Nessa acepção, o caráter dialógico da linguagem associa-se à intertextualidade, sem, no entanto, restringir-se ao processo de incorporação e transformação de um texto em outro.

Na elaboração de materiais didáticos impressos, a abordagem bakhtiniana precisa ser revisitada, considerando as características da linguagem a ser priorizada na escrita de textos dinâmicos e interativos. Assim, as concepções de dialogismo — seja como constitutivo da interação verbal entre enunciador e enunciatário, seja compreendido no processo das relações entre enunciados, aproximando-se da intertextualidade, ou ainda considerado nas relações dialógicas entre texto e realidade histórico-social — são importantes para orientar a produção textual de conteúdos pedagógicos para EaD. Pode-se propor a seguinte classificação, com base na polissemia da noção de dialogismo:

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> a) Dialogismo na interação verbal entre enunciador e enunciatário da comunicação; diálogo na interação verbal. b) Dialogismo interno (ou dialogicidade interna): constituído na organização estrutural/interna do texto. c) O dialogismo nas relações dialógicas entre determinado texto e enunciados anteriores e/ou enunciados posteriores à interação comunicativa (<i>intertextualidade</i>). d) Dialogismo na interação dialógica entre texto e contexto, linguagem e história, linguagem e ideologia, linguagem e estrutura social. |
|--|

No processo de interação verbal, é importante que o professor/autor estabeleça uma comunicação direta com os alunos/leitores, despertando-lhes a curiosidade a todo o momento. Deve-se começar a produzir o material didático incentivando uma conversa com os estudantes. Conforme Belisário (2006, p. 140), é importante considerar a necessidade de o material didático impresso “apresentar-se numa linguagem dialógica que, na ausência física do professor, possa

garantir um certo tom coloquial, reproduzindo mesmo, em alguns casos, uma conversa entre professor e aluno, tornando sua leitura leve e motivadora”.

O estilo dialógico merece ser priorizado, a fim de se garantir uma interação efetiva com os possíveis alunos/leitores no processo de mediação pedagógica, como se observa no exemplo a seguir:

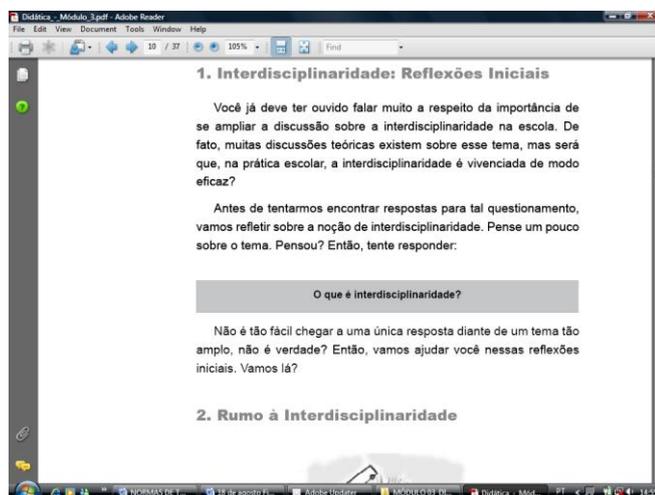


Figura 01- Volume 03/Material Didático elaborado para a disciplina “*Didática*”- UAB/UFRPE

Observe, na figura 01, que a utilização da expressão “você” chama a atenção do aluno/leitor e o convida a participar como interlocutor, envolvendo-o e motivando-o à leitura. Estimula-se a aprendizagem baseada nos conhecimentos prévios dos discentes, no sentido de motivar os aprendizes à reflexão, visando à construção de inferências sobre determinados assuntos. Por meio dessa estratégia, prioriza-se o dialogismo na interação entre professor/autor e aluno/leitor, configurando-se a linguagem como mediadora desse processo de comunicação.

Nesse caso, o aluno/leitor revela-se como interlocutor bem próximo do autor, por meio do diálogo que se instaura em diversos momentos, simulando uma interação que se aproxima das interações orais comuns em salas de aulas nos cursos presenciais. O leitor percebe facilmente que o texto se aproxima dele por meio de uma linguagem dialógica, como uma “espécie de conversa”, mantendo-se a interatividade como ferramenta primordial nesse processo.

O diálogo deve provocar um sentimento de encontro entre o aluno/leitor e o texto, diminuindo as distâncias físicas entre educadores e educandos. O aluno precisa sentir o professor ao seu lado e o material didático impresso tem papel fundamental nesse processo de interação.

Segundo Scherer (2005, p. 06):

Ao falar em proximidade, o diálogo que é estabelecido com o aluno deve provocar um sentimento de encontro. Ele precisa sentir o professor ao seu lado, próximo; o estudante precisa “ouvir” e “falar” com o professor, pelo

livro, assim como o professor precisa “ouvir” e “falar” com o aluno pelo livro, em um diálogo que pode ser sempre reconstruído.

O dialogismo precisa perpassar toda a construção do material didático, desde o estilo interativo da linguagem, até as propostas de atividades que privilegiam a interação verbal. Os alunos/leitores são estimulados a realizar entrevistas, participar dos *chats* e fóruns de discussão nos ambientes virtuais, tendo em vista a comunicação como ferramenta importante na aprendizagem. O exemplo a seguir apresenta uma atividade interativa que ilustra o dialogismo na organização de atividades propostas no material didático impresso.

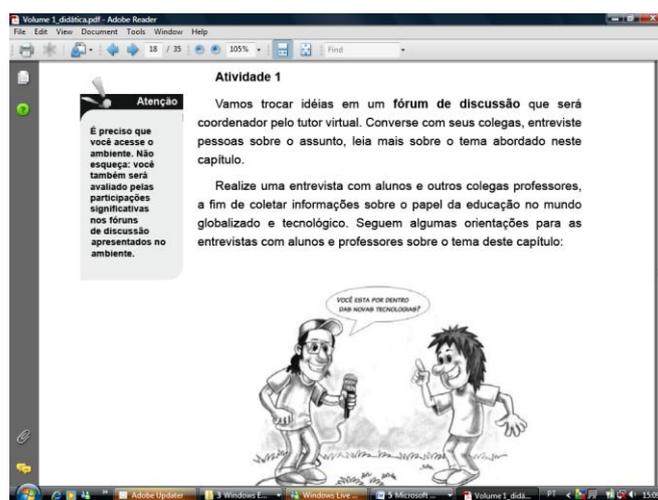


Figura 02- Volume 01/Material Didático elaborado para a disciplina “*Didática*”- UAB/UFRPE

É fundamental que o material didático impresso estabeleça um diálogo eficaz com os alunos/leitores, promovendo a interatividade como característica importante na construção de aprendizagens significativas. A interatividade precisa ser compreendida como “capacidade de tornar o diálogo concreto”, nesse sentido, o material didático precisa promover ações interativas, por meio de provocações, propostas de exercícios e atividades que promovam a construção das relações interativas entre alunos e professores. (SILVA, 2000). É preciso considerar a abordagem dialógica da educação, nos termos de Freire (1975), entendendo a dialogicidade na elaboração de textos didáticos, por exemplo, que reproduzam, simulem ou antecipem a possibilidade de um diálogo entre professor/autor e aluno/leitor.

Além do dialogismo no processo de interação verbal, os materiais didáticos podem explorar o diálogo entre textos (intertextualidade), propiciando uma abordagem ancorada na memória intertextual dos aprendizes. Também as conexões dialógicas entre os materiais didáticos impressos e as dimensões socioculturais, por meio do amplo diálogo entre linguagem e mundo, certamente poderão estimular os alunos/leitores à problematização e à leitura crítica do mundo, com vistas à criticidade e à autonomia (FREIRE, 2002, 1975).

3.3. Utilização de Estratégias de Persuasão

A persuasão, ou seja, a estratégia de convencer o outro, motivando-o à recepção da mensagem, também é uma característica fundamental na elaboração de materiais didáticos para Educação a Distância. É preciso motivar os alunos, convencendo os aprendizes sobre a relevância dos conteúdos propostos. Segundo Sousa (2001, p. 1748/1749):

Na escrita, principalmente, em gêneros didáticos, produzidos para a Educação a Distância, o envolvimento é um recurso muito utilizado para prender a atenção do leitor, incentivá-lo em suas atividades, mesmo que seja virtualmente. [...] A proposta que vemos no gênero discursivo mediacional é promover a interação virtual do texto com o estudante da Educação a Distância. Isso constitui um contexto de letramento específico, o que, conseqüentemente, resulta no envolvimento virtual autor e leitor por meio das estratégias linguísticas construídas para esse fim no texto didático.

Uma forma também de envolver o aluno no ato da leitura é estabelecer relações intratextuais na própria estruturação do material didático, ou seja, o autor deve sugerir que os leitores avancem ou retrocedam na leitura, a fim de rever conteúdos propostos anteriormente ou antecipar propostas de atividades ou informações que serão apresentadas. Cada parte do material funciona como uma “ponte” entre o que já foi dito e aquilo que ainda será dito, por meio das relações intratextuais constitutivas da própria organização estrutural do material didático impresso. Nos termos de Bakhtin (1993), trata-se da dialogicidade interna, isto é, o diálogo entre as partes que organizam a estrutura global do texto. Nesse sentido, evidencia-se a leitura como:

[...] processo de seleção que se dá como um jogo com avanço de predições, recuos para correções, não se faz linearmente, progride em pequenos blocos ou fatias e não produz compreensões definitivas. Trata-se de um ato de interação comunicativa que se desenvolve entre o leitor e o autor, com base no texto, não se podendo prever com segurança os resultados. (MARCUSCHI, 1999, p. 96).

A inserção de “textos explicativos paralelos”, por meio de caixas laterais pode ser um recurso interessante na motivação do leitor para estabelecer as relações intratextuais, percebendo-se a articulação entre as partes constitutivas da estrutura textual, como se nota no exemplo a seguir.

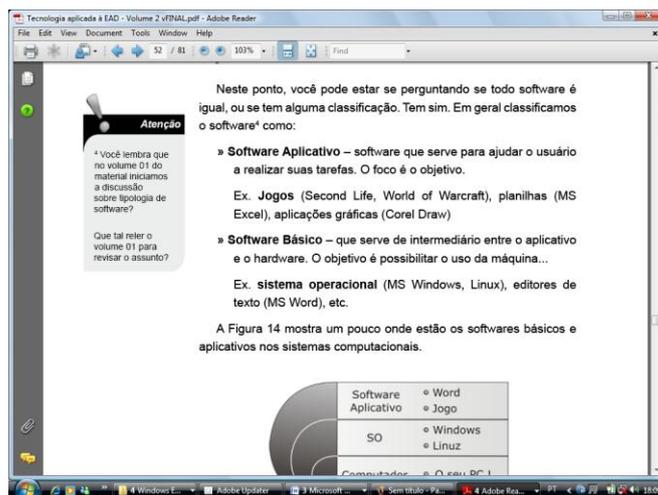


Figura 03- Volume 02/Material Didático elaborado para a disciplina -“Tecnologia Aplicada à Educação a Distância” -UAB/UFRPE.

Na figura 03, na caixa lateral de texto (“Atenção!”), o autor direciona os leitores para o volume anterior do material didático, a fim de que os alunos revisem os assuntos propostos e consigam estabelecer conexões dialógicas com os conteúdos já abordados. O texto do exemplo, na figura 03, (*Que tal reler o volume 01 para revisar o assunto?*) também reforça a ideia de incentivar uma leitura não-linear, multissequencial, aproximando-se de uma estratégia hipertextual no processo de orientação do leitor. Além disso, aponta para a revisão de conteúdos já propostos como recurso eficaz para que o aluno se aproprie dos assuntos de forma gradativa, construindo uma aprendizagem baseada na autonomia e no autoconhecimento.

3.4. Formulação de Perguntas Retóricas

Realizar perguntas e logo após tentar respondê-las é uma alternativa interessante para transformar o texto didático em um grande diálogo com os alunos/leitores. Trata-se da formulação de perguntas retóricas, por meio das quais o autor do livro didático pode inferir sobre possíveis questionamentos que os alunos poderiam realizar. Assim, o professor/autor problematiza as questões a serem estudadas e depois convida o estudante à reflexão compartilhada. É justamente nesse processo de problematização, criação de situações desafiadoras, questionamentos e indagações que a aprendizagem pode se concretizar de forma significativa.

Atualmente, comenta-se a metodologia da aprendizagem baseada em problemas, na qual os educandos trabalham com o objetivo de solucionar enigmas, desafios, visando à construção de aprendizagens significativas. Trata-se de uma estratégia de ensino-aprendizagem centrada no aluno como sujeito de seus próprios percursos de aprendizagem.

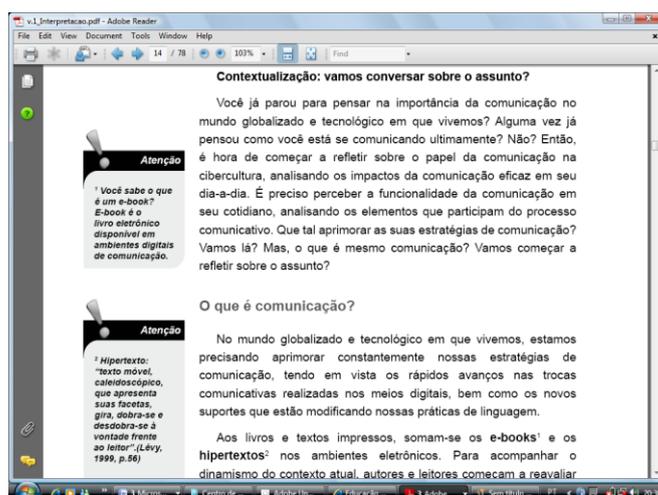


Figura 04- Volume 02/Material Didático elaborado para a disciplina “*Análise e Interpretação de Textos*” -UAB/UFRPE.

No exemplo da figura 04, o professor/autor tenta promover reflexões sobre a temática a ser abordada — *a importância da comunicação no mundo globalizado e tecnológico*. Para tanto, lança questionamentos para ativar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do tema, estabelecendo conexões entre o assunto e o cotidiano dos educandos. Observe que o professor/autor também se coloca junto ao aluno/leitor, incitando à reflexão — *Vamos começar a refletir sobre o assunto?* Essa estratégia também é utilizada no exemplo a seguir:

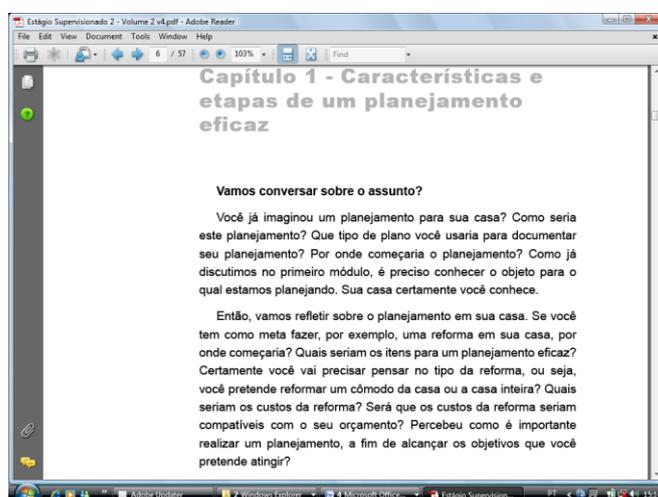


Figura 05- Volume 02/Material Didático elaborado para a disciplina “*Estágio Curricular Supervisionado*” -UAB/UFRPE

Nas figuras 04 e 05, os autores vão incitando progressivamente a curiosidade dos alunos/leitores, por meio do uso de perguntas retóricas. Dessa forma, o aluno começa a se envolver com a temática abordada e certamente se sentirá mais motivado para a leitura do material didático. Além disso, o uso de perguntas retóricas proporciona uma situação interativa e

dialógica, estabelecendo a proximidade entre autor e leitores por meio da linguagem que se torna um convite à leitura.

Nos exemplos anteriores, as perguntas retóricas instigam a curiosidade dos educandos, estreitando o diálogo entre autor e leitor, por meio de um contrato de cumplicidade na comunicação. Vários questionamentos são realizados, no sentido de aguçar a curiosidade dos alunos/leitores, envolvendo-os com os conteúdos pedagógicos. A ideia é justamente levar o aluno à reflexão, proporcionando-lhe a construção de inferências e possibilidades de interpretação, a partir das pistas textuais que os autores lançam.

3.5. Iconicidade

A preocupação com a iconicidade também deve ser constante, ou seja, os materiais didáticos precisam trabalhar com a cultura de imagens, investindo em desenhos, charges, cartuns, tirinhas, gráficos, tabelas, fotografias, pinturas, placas, enfim, é preciso considerar o poder expressivo de linguagens não-verbais de natureza icônico/visual. A linguagem icônica é primordial para facilitar a compreensão dos alunos/leitores no ato dinâmico da leitura.

É preciso que exista uma integração entre os textos escritos e as imagens que são inseridas nos materiais didáticos, a fim de facilitar a compreensão dos educandos. Não adianta apenas inserir um monte de imagens sem conexões com os conteúdos propostos nos textos escritos. A adequação entre o verbal e o não-verbal deve ser considerada para facilitar a compreensão dos alunos. Segundo Fernandez (2010, p.400):

O principal papel das ilustrações em materiais impressos para EAD é o de esclarecer e explicar um conceito ou de fornecer uma necessária contextualização. Para tanto, elas precisam estar em estreita unidade com o texto que complementam, sob pena de introduzir elementos distratores em relação ao conteúdo que está sendo tratado.

Vivemos imersos na cultura de imagens e precisamos realizar leituras críticas da dimensão icônica dos materiais didáticos. É importante salientar a função didática das imagens nos materiais impressos, compreendendo-se a variedade de linguagens e gêneros textuais na construção da dimensão icônico/visual dos conteúdos pedagógicos.

3.6. Propostas Diversificadas de Atividades

Os materiais precisam ser planejados em função de sua natureza didática, privilegiando uma abordagem pedagógica centrada na aprendizagem do educando.

É preciso pensar em uma abordagem pedagógica que desenvolva a capacidade reflexiva do aluno, integrando o conhecimento prático e teórico relacionado ao seu contexto de atuação. Esse material deve refletir a preocupação com a mediação pedagógica que resulte na produção de conhecimento do aluno. (FRANCO, 2008, p. 21).

Considerando a função didática do material impresso, é fundamental que o professor/autor crie situações diversificadas de aprendizagem, por meio de atividades que contemplem os variados estilos de aprendizagem dos alunos/leitores. A seguir serão listados alguns tipos de atividades comumente encontrados em materiais didáticos impressos.

- a) **Atividades de pesquisa:** contribuem para o desenvolvimento de competências, visando aprimorar a capacidade investigativa, questionadora e crítica dos educandos. As atividades de pesquisa priorizam a busca de conteúdos/informações em fontes variadas e a sistematização de dados coletados. É preciso motivar o aluno a continuar pesquisando sobre o assunto, fornecendo orientações sobre diferentes fontes de pesquisa, metodologias de pesquisa, questões éticas no acesso à informação na *web*, propriedade intelectual, etc.
- b) **Atividades de síntese:** visam à sistematização de conteúdos. Nessas atividades, o aluno pode rever seus conhecimentos prévios e avaliar em que pontos avançou, ampliou, reforçou ou modificou suas ideias e inferências iniciais. As atividades de síntese servem para comparar ideias ou concepções diferentes sobre um mesmo tema, para dar opiniões sobre alguma teoria ou para sistematizar suas conclusões sobre as leituras.

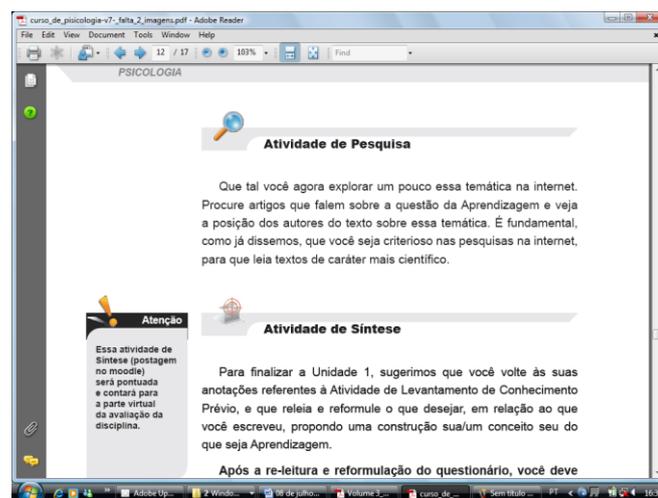


Figura 06- Volume 02/Material Didático elaborado para a disciplina "Psicologia" -UAB/UFRPE.

- c) **Atividades práticas:** o aluno precisa ser constantemente estimulado a estabelecer conexões entre teoria e prática. Nesse sentido, o conhecimento precisa ser elaborado/reelaborado, por meio de atividades contextualizadas que proporcionem essa articulação entre teoria e prática. Dessa forma, é importante que o autor de materiais didáticos insira tarefas práticas com exercícios propostos e comentados, atividades práticas em laboratórios, descrição de procedimentos, aulas passeio, visitas a museus, pesquisas de campo, a fim de o aluno construir o conhecimento de forma contextualizada, articulando os conteúdos propostos à sua realidade e experiências de mundo.

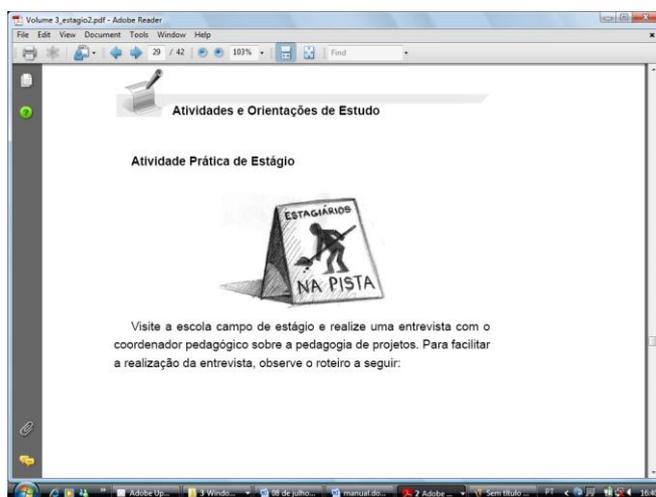


Figura 07- Volume 03/Material Didático elaborado para a disciplina “*Estágio Curricular*” -UAB/UFRPE.

- d) **Atividades de interação:** são atividades de comunicação realizadas nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Algumas são realizadas na plataforma virtual do curso (fórum, *chat*, correio eletrônico, listas, glossários interativos, etc.), outras podem ser direcionadas para o ciberespaço (*blogs*, comunidades virtuais, redes sociais, *youtube*, etc.).

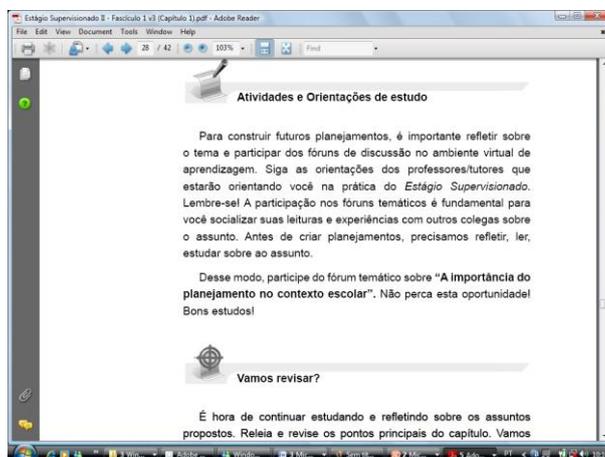


Figura 08- Volume 01/Material Didático elaborado para a disciplina “*Estágio Curricular*” -UAB/UFRPE.

- e) **Atividades de avaliação:** o professor/autor pode criar atividades, nas quais os alunos consigam planejar seus percursos de aprendizagem e refletir sobre suas práticas autoavaliativas. Construção de diários, memoriais reflexivos, portfólios de aprendizagem, resolução de *quiz* podem ser atividades interessantes para os alunos refletirem sobre a autoavaliação na construção de sua aprendizagem.

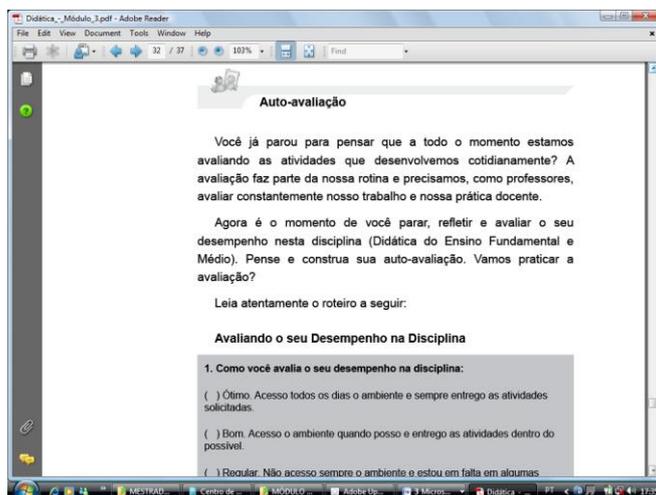


Figura 09- Volume 03/Material Didático elaborado para a disciplina “*Didática*” -UAB/UFRPE.

- f) **Atividades colaborativas:** é fundamental que o professor/autor considere os fluxos de interação nos AVA, motivando os alunos para a realização de atividades colaborativas e cooperativas. Mesmo que os alunos estejam fisicamente distantes, eles estão virtualmente unidos pelas tecnologias da informação e comunicação utilizadas para apoiar atividades colaborativas, como, por exemplo: formação de grupos, organização de júri simulado, criação de gincanas virtuais, campeonatos virtuais, produção textual coletiva por meio de *wikis* e vários outros exemplos para atividades desse tipo.

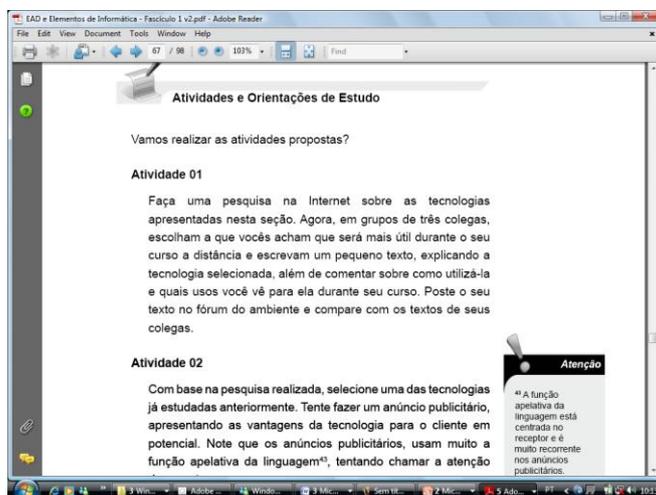


Figura 10- Volume 01/Material Didático elaborado para a disciplina “*EAD e elementos de informática*” -UAB/UFRPE.

Como se pode notar, as características dos materiais didáticos impressos são múltiplas e essenciais para garantir uma comunicação eficaz com os alunos/leitores. Além das características já apontadas, diversas outras ainda podem ser abordadas, ampliando-se o debate sobre a produção de materiais didáticos impressos adequados aos constantes desafios da Educação a Distância.

O presente estudo configurou-se apenas com um recorte das múltiplas dimensões atreladas à produção de conteúdos pedagógicos, os quais ainda encontram na mídia impressa um canal importante de interação entre professores/autores e alunos/leitores.

Considerações Finais

A mídia impressa usada em EaD ainda apresenta-se como instrumento didático importante no processo de mediação pedagógica entre alunos e professores. Segundo Moore e Kearsley (2007, p. 78), "o texto é, sem margem de dúvida, a mídia mais comum empregada na educação a distância e, apesar do crescimento da comunicação online que usa texto, a maioria dos textos ainda é veiculada na forma impressa".

A construção de materiais didáticos impressos para EaD vem resignificando a prática pedagógica do professor na posição de elaborador de conteúdos pedagógicos (conteudista), autor de textos que precisam garantir espaços de intercomunicação entre os educandos, apoiando seus percursos de aprendizagem. Nesse sentido, a noção de autoria precisa ser revisitada como "fundamento docente e discente, por ser referência crucial da aprendizagem no professor e no aluno. Professor que não é autor, não tem aula para dar. Só pode reproduzir. Aluno que não é autor continua copiando, ainda não está aprendendo". (DEMO, 2009, p.20).

Antes acostumados a adotar os materiais didáticos e os livros-texto para apoiar suas aulas, agora, considerando os desafios da EaD, os professores descobrem-se como produtores de conteúdos pedagógicos, ou seja, autores de materiais didáticos que precisam desenvolver competências comunicativas e priorizar uma abordagem dialógica na produção textual.

Na EaD, os professores precisam conhecer as características dos materiais didáticos impressos, priorizando a natureza dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2003) e o caráter "mediacional" (SOUSA, 2001) desses recursos que podem contribuir para a construção de aprendizagens significativas, ancoradas na autonomia dos educandos. Nesse processo, o papel do professor é incentivar e motivar a troca de saberes, a mediação relacional e simbólica entre os

sujeitos, gerenciando a “pilotagem personalizada” dos percursos de aprendizagem (LÉVY, 1999, p.171).

O material didático impresso, amplamente revisitado, debatido, discutido, analisado, agora torna-se alvo de outras abordagens, novas leituras, diante das características da Educação a Distância como modalidade educacional que aposta na integração de tecnologias no processo de mediação entre docentes e discentes, valorizando a troca, a relação, a interação, o diálogo como eixos fundamentais na redução das distâncias físicas, promovendo-se uma “educação sem distância” (TORI, 2010), na qual todos aprendem e ensinam, ou seja, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2002, p. 25).

Referências Bibliográficas

AMIDANI, Cassandra. **Evasão no ensino superior a distância: o curso de licenciatura em matemática a distância da Universidade Federal Fluminense/ CEDERJ – RJ**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2004. 200f. Informações disponíveis em <http://machado-assis.bce.unb.br/arquivos/915000/916300/96_916328.htm?codBib=>, acesso em 10 nov. 2005.

ABRAED. **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**. Disponível em: <http://www.abraead.com.br/> Acesso em: 20 maio 2009.

ARCOVERDE, M.; ARCOVERDE, D. "A produção de material didático em educação a distância numa perspectiva dialógica". **Anais do I Encontro Internacional do Sistema Universidade Aberta do Brasil**. Brasília, novembro, 2009.

AVERBUG, R. “Material didático impresso para Educação a Distância: tecendo um novo olhar”. **Colabora: Revista Digital da CVA-RICESU**. v. 2, n.5, p.16-31, agosto, 2003.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Unesp, 1993.

BARROS, D., FIORIN, J. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994.

BARRETO, C. (Org.). **Planejamento e elaboração de material didático impresso para Educação a Distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007.

BÉDARD, R. O material didático impresso no ensino a distância. In: PRETI (Org.). **Educação a distância: ressignificando práticas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

BELISÁRIO, A. O material didático na Educação a Distância e a constituição de propostas interativas. In: SILVA, M. (Org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

BELO, A. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. MEC. **Referenciais para elaboração de material didático para EAD no Ensino Profissional e Tecnológico**. 2002. Disponível em:<

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA23IAL/referencial-material-didatico-mec>>. Acesso em junho 2009.

CENSO EAD. **Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil**. São Paulo: Pearson, 2010.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

DEMO, P. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

FERNANDEZ, C. Os métodos de preparação de material impresso para EAD. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FRANCO, M.A. Elaboração de material impresso: conceitos e propostas. In: CORRÊA, J. (Org.). **Educação a Distância: orientações metodológicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GOMES, Maria João. Na senda da inovação tecnológica na Educação a Distância. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano 42-2, Instituto de Educação e Psicologia, Campus de Gualtar – Universidade do Minho, Braga. 2008, p.181-202. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8073/1/artigo-senda.pdf>> Acesso em 27 de dezembro de 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34., 1999.

LITTO, F. **Aprendizagem a distância** São Paulo: Imprensa oficial, 2010.

FERNANDEZ, C. T. Os métodos de preparação de material didático impresso para EAD. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MARCUSCHI, L.; XAVIER, A. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro : Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). **Estado de leitura**. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

MARTINS, J.; OLIVEIRA, N. "Material didático: desconstruindo o ontem para construir o hoje e o amanhã." **Anais do 11º Congresso da ABED**, 2008. Disponível em ≤ <http://www.abed.org.br/congresso2008> ≥ Acesso em: 15 de maio de 2009.

MOORE, M; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson, 2007.

MORAN, J. M. **O que é Educação a Distância?** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>> Publicado originalmente com o título

Novos caminhos do ensino a distância, no Informe CEAD - Centro de Educação a Distância. SENAI, Rio de Janeiro, ano 1, n.5, out-dezembro de 1994, páginas 1-3. Atualizado em 2002. Acesso em maio de 2008.

PALANGE, I. Os métodos de preparação de material para cursos on-line. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PEREIRA, E.; MORAES, R. História da educação a distância e os desafios na formação de professores no Brasil. In: AMARALINA M.Souza; Leda Maria Rangearo Fiorentini; Maria Alexandra Militão Rodrigues. (Org.). **Educação superior a distância**: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR). 1 ed. Brasília: Faculdade de Educação, UnB, UAB, 2009, v. 1, p. 65-89.

PONTES, E.; LOPES, C.; COUTINHO, L. Linguagem audiovisual e educação a distância. In: SOUZA, A., FIORENTINI, L., RODRIGUES, M. **Educação superior a distância**: comunidade de trabalho e aprendizagem em rede (CTAR). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

RONDELLI, E. **Quatro passos para a inclusão digital**. Disponível:< www.icoletiva.com.br> Acesso em nov. 2003.

SCHERER, S. Material impresso: um diálogo sobre estatística aplicada à educação. **Anais do Congresso Internacional da Abed**. Disponível em:<<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/077tcc3.pdf>> Acesso em: junho 2009.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SOUSA, R. M. **Gênero textual mediacional**: um texto interativo e envolvente na perspectiva de um contexto específico. Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas - Universidade de Brasília, 2001. Dissertação de Mestrado.

TORI, R. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora do SENAC, 2010.

ZUIN, Antônio. “Educação a Distância ou Educação Distante: o programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual”. In: **Educação e Sociedade**, Campinas: CEDES, vol.27, número especial, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a14v2796.pdf>. Acesso em: 20 jun, 2010.

¹ **Ivanda Maria Martins SILVA, Profa. Dra. em Letras (UFPE)**
Docente Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).
Coordenadora do Curso de Letras UAB/UFRPE.
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia (UFRPE).
martins.ivanda@gmail.com